
**APRESENTAÇÃO –
DOSSIÊ “FORMAS DE ENSINAR E APRENDER:
CULTURAS E DISCIPLINAS ESCOLARES
NA TRANSIÇÃO ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX”**

A proposta deste dossiê temático consiste em refletir sobre como o ensinar e o aprender adquiriram, com o processo de independência e a necessidade de organizar uma nação, novas formas diante da reconfiguração da sociedade no sentido capitalista e de uma economia de mercado. Neste período de crise e de anúncio de mudanças no regime político do país, questões fulcrais tencionaram a transição do Império para a República, como a passagem da escravidão para a mão-de-obra livre, critérios para acesso à cidadania, reorganização política dos interesses locais no Estado, entre outras que apontavam para diferentes projetos que considerassem, por exemplo, a discussão sobre a instrução dos ingênuos e uma educação para *uma nação que se presumisse livre e civilizada*.

A educação neste contexto apresentou especificidades em diferentes países e no Brasil, em cada província e em cada estado da federação após a República, em que os sujeitos responsáveis por conduzir a instrução pública (professorado, representantes do legislativo e gestores públicos) teceram caminhos próprios para a escola, para as disciplinas escolares, para o material pedagógico, para a formação docente e suas práticas.

Nestes termos, o dossiê “Formas de ensinar e aprender: culturas e disciplinas escolares na transição entre os séculos XIX e XX” objetivou reunir pesquisas que consideraram esse período de disputas em torno dos processos de ensino, de normatização, das formas de ensino,

das formas de aprender, das concepções pedagógicas e outras ações que visavam atender/resistir aos mecanismos de efetivação das proposições impostas pela modernidade.

No ano do bicentenário da Independência a discussão sobre as formas de ensinar e de aprender que foram forjadas na construção nacional precisam ser revisitadas para a reflexão coletiva sobre a democracia, suas instituições e o direito à educação pública de qualidade. Convidamos o/a leitor/a para conhecer recentes pesquisas sobre a História da Educação e aprofundar esse debate.

O primeiro artigo do dossiê encontra-se intitulado como: “Do modelo de formação de educadoras às práticas de educação infantil em Portugal na passagem do século XIX para o XX”, e foi escrito pelas Professoras Margarida Louro Felgueiras e Juliana Martins da Rocha. Nele, as autoras discutem o importante papel que as escolas Normais do Porto exerceram para a educação infantil através da afirmação do modelo fröbeliano em Portugal. Utilizam-se do caderno de uma educadora para interligar as representações que o modelo de formação faz da criança com o desenvolvimento das práticas nos jardins de infância no final do século XIX e início do XX.

Em seguida temos o artigo “Entre mapas, globos, sólidos, cadeiras e relógios: Objetos para as aulas do Lyceu de Sergipe (1848-1851)”, escrito pelo pesquisador João Paulo Gama Oliveira e pelas pesquisadoras Rosemeire Marcedo Costa e Eva Maria Siqueira Alves, cujo objetivo é analisar os objetos solicitados para as aulas de diferentes cadeiras do Lyceu de Sergipe, bem como, os pedidos de materiais para o funcionamento administrativo da instituição, que encontram-se registrados no Livro da Correspondência do Lyceu de Sergipe no período de 1848 a 1851, revelando, dentre outras coisas, o diminuto e precário espaço para realização das aulas, os pedidos de material pelos professores para suas aulas e vestígios de práticas educativas do ensino secundário naquela província.

No artigo “A História ensinada na Bahia da Primeira República”, as autoras Antonieta Miguel e Solyane Lima analisam a forma que a disciplina História foi ensinada na escola elementar baiana. Utilizaram-se de fontes como: relatórios, teses de professores, manuais, legislação e documentos produzidos na escola. Também realizaram a análise de alguns materiais da cultura escolar que foram utilizados nas aulas de História na primeira República e inferiram que a disciplina História, ensinada nas escolas elementares da Bahia na primeira República, apresentou-se imbricada às questões políticas e ao ideal de modernidade e civilização que se queria para aquela sociedade.

Ainda sobre a Bahia, a professora Ione Celeste Sousa, no artigo, “Antônio Pacífico Pereira e a myopia como hygiene escolar do corpo infantil (1876-1881)” apresenta a investigação sobre a articulação entre escolarização e práticas de Hygiene escolar, com foco no corpo infantil no tocante à miopia, a partir de publicações dos Jornais baianos *O Monitor* e *Gazeta Médica da Bahia*, ambos no século XIX.

Em “Instituições educativas e embates político-pedagógicos: a construção da escola no Ceará”, Maria Juraci Cavalcanti e José Wagner de Almeida tratam da história política da escola no Ceará, tomando por foco algumas instituições de ensino fundadas em diferentes períodos histórico: na colônia, no Império e na República, destacando os debates que levaram os intelectuais, atores políticos e educadores a criar ou reformar instituições e políticas educativas republicanas, entre os anos 1920 e 1930.

Simone Dias de Oliveira, em sua produção, “Intersecções entre a formação da profissionalidade docente e intelectualidade”, aborda questões entre a formação da profissionalidade do professor de história na Bahia e sua intelectualidade, num período que esse profissional foi convocado para auxiliar na constituição de uma mocidade patriótica. Segundo a autora, o Gymnasio da Bahia e o IGHB foram instituições fundamentais para a formação da identidade, saberes e conhecimentos

baianos, configurando-se como fator decisivo nas intersecções entre profissionalidade e intelectualidade.

No artigo “Aprender “a ser mais homem”: uma verdade inventada no complexo processo de aprendizagem”, a autora Maria Zélia Maia analisa, na perspectiva da história das disciplinas escolares, o cotidiano de duas instituições de ensino, o Instituto Nossa Senhora do Carmo (do romance Doidinho) e o Instituto Profissional João Alfredo (pesquisa histórica). Estas instituições funcionaram durante a Primeira República em regime de internato e tinham como público-alvo meninos, incluindo aqueles na condição social de pobreza. Ela considera que tanto a literatura quanto a história das disciplinas escolares são férteis para tecer a narrativa das experiências vividas nos dois internatos e, dessa forma, contribuiram para a percepção dos elementos constitutivos das práticas escolares e do processo de aprendizagem que considera, além das disciplinas escolares, as vivências cotidianas para a formação daqueles meninos.

O último artigo que compõe este dossier, intitula-se “As enfermeiras-visitadoras em Sergipe e a difusão de saberes para o cuidado em saúde (1931-1939), foi escrito por Kelly Cristina Rocha, Simone Amorim e Vera Santos e apresentou a maneira que ocorreu a formação das enfermeiras-visitadoras sergipanas, bem como, a forma que estas exerciam esse papel dentro do contexto da saúde pública em Sergipe, destacando a importância da difusão das noções de higiene e dos cuidados com a saúde para a sociedade do período.

Para finalizarmos essa publicação com êxito, apresentamos o documento resenhado pela pesquisadora Ladjane Alves Souza: Uma carta do Professor baiano Cincinato Ricardo Pereira Franca, datada de 13 de fevereiro de 1918, na qual solicita o afastamento das suas aulas em solidariedade ao colega, professor Isauro da Silva Coelho suspenso injustamente. Vale a pena conhecer!

O conjunto de textos aqui reunidos possibilita uma análise de diferentes localidades no Brasil e, também, na cidade do Porto/Portugal a respeito dos processos de educação, de normatização, das formas de ensino e aprendizagem, das concepções pedagógicas e outras ações que visavam atender/resistir aos mecanismos de efetivação das proposições impostas pela modernidade.

Antonieta Miguel
Solyane Silveira Lima